

VARIEDADES

Distinções honoríficas. — Na sessão de 6 de fevereiro último, sob proposta dos Sócios Edgar Prestage, Fidelino de Figueiredo e Pedro A. Azevedo, foram eleitos Sócios da «Sociedade Portuguesa de Estudos Históricos» os PP. Dr. Luís Gonzaga de Azevedo, Francisco Rodrigues e A. Antunes Vieira. Este já em 1917 fôra nomeado por unanimidade Sócio Correspondente da Real Academia de Corunha. Não ignoram os nossos leitores que em 1917 também foi eleito membro da Sociedade Arqueológica de Pontevedra o literato e mimoso poeta, P. João Serafim Gomes, que é, em nosso conceito e sem melindre de ninguém, o mais competente lexicólogo português. Estes e outros homens não menos ilustres vivem em terras de Espanha, proscritos do seu país, que assim o ordena a lei da irrisória liberdade que hoje impera.

A um deles escrevia, há pouco, um distinto literato português estas palavras repassadas de estima e de tristeza: «Quanto estimaria conhecer todos os amigos portugueses d'ahi, que, expulsos da sua patria como criminosos, serenamente cumprem a sua alta missão e honram essa patria pela sua cultura...»

Os estudantes católicos de Coimbra. — O Centro Académico da Democracia Cristã (C. A. D. C.) leva já uns 20 anos de vida brilhante e no curso de 1919-20 contou no seu seio 457 estudantes da Universidade e alguns do Liceu de Coimbra. Para mostrar como o que há de mais distinto na Academia Coimbrã se inscreve nessa esperançosa agremiação, baste dizer que dela saíram nos últimos 10 anos, além de elementos apreciáveis que hoje ocupam os lugares mais conspícuos do magistério, da advocacia e da clínica em todo o país, 11 lentes ou assistentes — 4 na Faculdade de Medicina, 3 na Faculdade de Letras, 2 na Faculdade de Ciências e outros 2 na Faculdade de Direito.

Como porém acontece a outras obras católicas em Portugal, o C. A. D. C. desfalece à míngua de recursos. Há em Coimbra uma agremiação protestante, originária da América do Norte, montada com grandeza e luxo, a qual vai aliciando os estudantes incautos, para lhes inocular o vírus da descrença ou da heresia. Com ela não pode ombrear a juventude católica, enquanto não tiver casa apropriada, com salões para reunião, conferências, leituras, jogos e outras diversões honestas. Essa casa, onde se instalará o centro dos Estudantes Católicos Portugueses, está orçada nuns 60 contos que a generosidade dos católicos em Portugal e no Brazil de certo há de em breve cobrir. Está constituída uma Comissão presidida pelo Sr. Bispo Conde e por vários lentes, cujo fim é angariar donativos para essa obra monumental. Ninguém se negue: cada qual, rico ou pobre, pode contribuir

com o seu ób
do C. A. D.

As esta
ción general
«Boletim de
refere ao m
dem interes
a 1918 está
cos dados.
de 1918, 20

Nascimen
Óbitos.
Matrimón
Abortos

1909
1910
1911
1912

Es
da naç
se exp
geran
trordin
A
maior

com o seu óbulo, enviando as quantias para a Comissão ou para a Direcção do C. A. D. C., Couraça de Lisboa, 28, Coimbra.

As estatísticas demográfico-sanitárias da Espanha. — A «Dirección general del Instituto Geográfico y Estadístico» de Madrid, publica um «Boletim de Estadística» mensal, cuja parte mais interessante é a que se refere ao movimento da população. Dêle tomo os dados seguintes que se a 1918 está incompleta e por isso não posso apresentar senão muito poucos dados. Sendo o número dos habitantes, calculado em 31 de dezembro de 1918, 20.719.598, eis o resumo geral do movimento da população:

	1919		1918
	Total	Porcentagem por 1.000 hab.	
Nascimentos.....	585.352	28,25	612.555
Óbitos.....	482.030	23,26	695.619
Matrimónios.....	166.716	8,05	—
Abortos.....	15.641	0,75	—

A natalidade na Espanha permaneceu quasi estacionária de 1909 a 1913, e tem descido a partir de 1914 até 1919, em que atingiu o mínimo, como se vê no quadro seguinte:

A natalidade desde 1909 a 1919

1909	650.498	1913	617.850	1917	602.139
1910	646.975	1914	608.207	1918	612.555
1911	628.443	1915	631.462	1919	585.352
1912	637.860	1916	599.011		

Esta notável diminuição da natalidade atribui-se à guerra que fêz sair da nação muita gente, principalmente estrangeiros. Dos nacionais, bastantes se expatriaram, uns para o serviço militar voluntário nos exércitos beligerantes, outros contratados para serviços agrícolas. Acresce ainda a extraordinária mortalidade de 1918, causada pela pneumónica.

A mortalidade, essa aumentou muito em 1918. Em 1919, também foi maior do que nos anos normais, como se colhe do quadro seguinte:

A mortalidade desde 1909 a 1919

1909	466.648	1913	449.349	1917	465.722
1910	456.158	1914	450.340	1918	695.619
1911	466.525	1915	452.479	1919	482.030
1912	426.297	1916	441.673		

Se o leitor perguntar, qual a influência das epidemias na mortalidade espanhola, responder-lhe há o quadro seguinte, relativo a 1919 e 1918 (este infelizmente muito incompleto):

Falecidos por doenças infecciosas

	1919		1918
	Total	Percentagem por 1.000 óbitos	
Tuberculose pulmonar	29.751	61,72	34.264
Gripe	21.094	43,76	147.060
Meningite simples	17.823	36,98	—
Pneumonia	12.172	25,25	19.653
Febre tifóide	5.677	11,78	—
Variola	3.620	7,51	—
Sarampo	2.868	5,95	—
Diftéria e garrotilho	2.639	5,47	—
Septicémia puerperal	1.917	3,98	—
Coqueluche	1.749	3,63	—
Escarlatina	675	1,40	—
Tifo exantemático	228	0,47	—
Total...	100.213	207,90	—

Por onde se vê que se dos pul- a tuberculo- mões é um flagelo in- tenso na Es- panha, pois lhe coube mais de uma vigés- sima parte dos óbitos em 1919. Grassam também in- tensamente a meningi-

te, a pneumonia e a gripe.

Vejamos esta mais em particular.

Óbitos causados pela gripe, tuberculose pulmonar e pneumonia, desde 1910 a 1919

	Gripe	Tuberc. pulm.	Pneumonia
1910	9.722	24.576	16.953
1911	7.894	24.502	14.626
1912	7.691	23.511	14.210
1913	8.730	24.350	13.343
1914	7.860	25.183	13.316
1915	6.487	26.284	12.278
1916	7.021	26.868	12.643
1917	7.479	28.514	14.206
1918	147.060	34.264	19.693
1919	21.094	29.751	12.172
Total	231.038	267.803	143.440

E' muito interes- sante o diagrama da gripe na Espanha em 1918. As 147.060 vícti- mas desta enfermeda- de faleceram principal- mente nos meses de ou- tubro e novembro, pe- ríodo mais agudo da epidemia do outono dêsse ano. A outubro correspondem 79.484 óbitos, a novembro

40.478, a dezem- junho 2.923. a neiro 769.

A tuberculo- pelos preços u crescendo.

O máximo sabe, a epide- cer extraordin- ções mais fre- mos se eleva-

As divi- «Le bon Co- dos principa-

A Ingla- lhões de lib-

libras, e à l- ouro). As d-

Inglaterra, (soma: 20.

chevista, t- lhões de l-

de franco- Alemanha-

milhões (soma: 6-

devem a- e 500 m-

mânia, T- bras aos-

de fran- ra, têm-

ouro (5-

A- crédito-

tem de-

20 905

A-

City-

do n-

esta-

27.80

40.478, a dezembro 9.656, a setembro 7.837, a agosto 976, a julho 1.781, a junho 2.923, a maio 741, a abril 770, a março 1.013, a fevereiro 632 e a janeiro 769.

A tuberculose pulmonar aumenta desde 1913, o que é fácil de explicar pelos preços tão elevados das subsistências que desde então vão sempre crescendo.

O máximo da mortalidade corresponde a 1918 e a 1919, pois como se sabe, a epidemia gripal degenera muita vez em tuberculose, por enfraquecimentos mais frequentes da gripe e por isso não admira que os seus algarismos se elevassem tanto em 1918.

As dívidas dos Aliados. — Segundo o semanário financeiro belga — «Le bon Conseil» — de 20 de junho de 1920, são as seguintes as dívidas dos principais Estados aliados:

A Inglaterra deve aos Estados Unidos (a mais ninguém deve) 42 milhões de libras esterlinas. A França deve: aos Estados Unidos 550 milhões de libras, e à Inglaterra outros 500 milhões (soma: 26.250 milhões de francos em ouro). As dívidas da Itália são: aos Estados Unidos, 325 milhões de libras; à Inglaterra, 476 milhões de libras; à França, 875 milhões de francos em ouro (soma: 20.905 milhões de francos em ouro). A Rússia, antes da revolução bolchevista, tinha pedido para despesas da guerra: aos Estados Unidos, 38 milhões de libras; à Inglaterra 568 milhões de libras; à França 4.000 milhões de francos em ouro. As dívidas de guerra da Bélgica passaram à conta da Alemanha e consistiam em: 80 milhões de libras aos Estados Unidos, 98 milhões de libras à Inglaterra, e 2.250 milhões de francos em ouro à França (soma: 6.700 milhões de francos em ouro). A Sérvia e os Estados Yugo-Eslavos devem aos Estados Unidos, 20 milhões de libras; outro tanto à Inglaterra; e 500 milhões de francos em ouro à França. Os outros Estados Aliados — Rumania, Tcheco-Slováquia, etc. — têm uma dívida total de 35 milhões de libras aos Estados Unidos; 79 milhões de libras à Inglaterra; 1.250 milhões de francos em ouro à França. Os Estados Unidos esses não tem dívida de guerra, têm apenas a bagatela de um crédito de 27.260 milhões de francos em ouro (5.452.000 contos fortes, ao par).

A Inglaterra deve por tanto 1.050 milhões de francos em ouro, e tem um crédito de 43.300 milhões; a França deve 25.750 milhões de francos em ouro, e tem de crédito 8.875 milhões de francos em ouro; a dívida da Itália monta a 20.905 milhões de francos em ouro, sem créditos alguns.

A dívida mundial. — De uma estatística publicada pelo «National City Bank» deduz-se que a soma das dívidas nacionais de todos os países do mundo orça actualmente por uns 265.000 milhões de dólares. — Para esta soma, concorre a Europa com 225.000 milhões, a América do Norte com 27.800, a América do Sul com 2.500, a Ásia com 4.650, a África com 1.300

e a Oceania com 4.250 milhões. Antes da guerra, a dívida mundial subia só a 44.000 milhões de dólares. Nos princípios do século XIX, calculava-se em menos de 3.000 milhões; mas depois das guerras napoleónicas montava a 7.000 milhões. A esta era de distúrbios sucedeu um período de relativa tranquilidade, em que a dívida permaneceu quasi estacionária até à segunda metade do século. Em o novo período de agitação de 1854 à 1875, a dívida, de 8.500 milhões que era, atingia a importância de 22.000 milhões. Em 1914, quando se ia fechar um longo período de paz armada, elevava-se a dívida a 44.000 milhões. O «onus» anual representado por esta dívida de 44.000 milhões de dólares avaliava-se em 1.750 milhões. A dívida actual de 265.000 milhões importa um «onus» de 15.000 milhões anuais. Em 1913, a dívida era de 27 dólares por pessoa, hoje atinge 150. Só os juros exigem anualmente oito ou nove dólares por habitante. Este desmesurado aumento da dívida não podia levar-se a efeito sem uma emissão considerável de moeda fiduciária, que teve como conseqüências a depreciação do dinheiro e a alta dos preços.

Os países que puderam conservar-se imunes no conflito mundial, sem aumentar sensivelmente a dívida, livraram-se da enorme diferença que vai dos milhões de 1914 aos milhões de hoje. A progressão anormal dos gastos públicos não se limita às nações beligerantes. Na Suíça, por exemplo, a dívida em 1850 era de 1,50 francos por habitante, de 19,50 em 1900, de 28,95 nas vésperas da guerra, hoje sobe a 452,60 francos. A dívida federal aumentou 1.595 milhões, não incluindo neste número a dívida consolidada dos caminhos de ferro federais, que subia a 2.054 milhões de francos no fim de 1919, com uma dívida flutuante actualmente de 200 milhões, que vai subindo constantemente.

A dívida da França e os gastos da guerra. — Segundo a informação oficial apresentada ao Senado Francês no corrente ano, o orçamento da França em 1914 superava 5.000 milhões de francos, e a dívida pública orçava por 30.000 milhões. Esta no 1.º de julho último, tendo em conta as amortizações já realizadas, elevava-se ao total de 233.729.464.650 fr., assim distribuido: Dívida interior perpétua e amortizável: 121.949.111.150; dívida flutuante: 51.464.251.500; adiantamentos dos Bancos 26.020.000; dívida exterior: 34.296.102.000. Mas esta última verba, eleva realmente o total da dívida pública a uns 266.000 milhões, em razão da baixa do valor do franco. Deve todavia deduzir-se desta enormíssima soma a quantia de 6.880 milhões de francos que foram adiantados pela França a diversas nações.

Segundo o mesmo documento oficial, os gastos da guerra estão calculados para a França em 233.299,5 milhões de francos, assim repartidos: 1914 (5 meses): 6.589.434.249; 1915: 22.804.486.525; 1916: 32.945.145.169; 1917: 41.679.599.629; 1918: 54.537.105.100; 1919: 49.029.399.951; 1920 (7 meses): 25.714.366.203.

Reservas
Antes da guerra
co mais ou
dia calcular-se
conhecida do
nas. Pelo se
6.546 milhões
que em 31 d
de 40.875 m
metálicas d
em 1919 a

Na ma
por exemp
agora algu

Portug
servas me
contos e
mesmo «I
do portar
Dest
de 5,77 0
70.000 co

Ingl
terra ap
sendo a

Fra

passado
reserva
tálicas
ção fic
torizaç

B
em ou
circu

tava
a cir
entre
3, e

e i
our
de

Reservas metálicas e circulação fiduciária de diferentes nações.

Antes da guerra, o valor do ouro amoeado em todo o mundo atingia pouco mais ou menos 66 0/0 da circulação fiduciária. Este ouro amoeado podia calcular-se em 10.000 milhões. Em 31 de dezembro de 1919, a reserva conhecida dos Bancos elevava-se à cifra de 6.324 milhões de libras esterlinas. Pelo seu lado, a moeda fiduciária que montava em junho de 1914 a 6.546 milhões de libras esterlinas aumentou em proporções enormes, tanto que em 31 de dezembro de 1919 atingia 47.421 milhões ou seja um aumento de 40.875 milhões de libras. Não é portanto para admirar que as reservas metálicas do ouro que em 1914 subiam a 66 0/0, como dissemos, baixassem em 1919 a 11 0/0.

Na maior parte dos países beligerantes essa garantia é ainda menor; por exemplo a garantia da coroa austríaca não vai além de 0,5 0/0. Vejamos agora algumas nações em particular.

Portugal. — Segundo o «Diário do Governo» de 20 de agosto, as reservas metálicas em ouro, prata e cobre eram em 14 de julho último 27.256 contos e a circulação fiduciária elevava-se a 472.106 contos. Conforme o mesmo «Diário», em 7 de julho a moeda fiduciária era 457.450 contos, havendo portanto aumentado numa semana 14.656 contos!

Desta forma a garantia das notas em circulação não é mais que de 5,77 0/0! Como a circulação fiduciária em setembro de 1910 orçava por 70.000 contos, não há negar que tem havido *progresso* desde então até agora!

Inglaterra. — Em 4 de agosto último, o balanço do Banco de Inglaterra apresentava como reserva metálica em ouro 123,10 milhões de libras sendo a circulação fiduciária 126,49 milhões de libras.

França. — Segundo o balanço do Banco de França de 12 de agosto passado, a reserva em ouro elevava-se a 5.539,77 milhões de francos, sendo a reserva metálica em ouro no estrangeiro 1.978,27 milhões. As reservas metálicas em prata eram na mesma data 248,02 milhões de francos. A circulação fiduciária elevava-se a 38.046,32 milhões. — A circulação fiduciária autorizada é 43.000 milhões.

Bélgica. — Segundo o balanço do Banco Nacional, as reservas metálicas em ouro elevavam-se em 1 de julho último a 266,48 milhões de francos e a circulação fiduciária a 5.284,46 milhões.

Antes da guerra, em junho de 1914, a reserva metálica em ouro montava a 260,35 milhões, a reserva da prata e cobre somava 74,62 milhões e a circulação fiduciária não superava 1.007,46 milhões de francos. A relação entre as reservas metálicas e a moeda fiduciária era antes da guerra 1 para 3, e actualmente 1 para 20.

Estados Unidos. — Em 1914, possuíam 1.023 milhões de libras em ouro e 1.056 milhões de moeda fiduciária, o que representa 99 0/0 de garantia em ouro. Em 1919, o ouro amoeado dos Estados Unidos valia 2.107 milhões de libras e as notas de Banco 4.051 milhões ou seja 52 0/0 de ouro.

Espanha. — As reservas em ouro, em 14 de agosto do corrente ano,

somavam 2.452,38 milhões de pesetas, havendo no estrangeiro 46,84 milhões.

As reservas em prata elevavam-se a 602,06 milhões de pesetas. Na mesma data a circulação fiduciária era 3.982,08 milhões. Esta pode elevar-se, segundo a lei, a 4.000 milhões de pesetas.

Alemanha. — O balanço do Banco Imperial de 31 de julho último mostra a reserva metálica em ouro de 1.091,50 milhões de marcos e a circulação fiduciária de 55.768,05 milhões.

Holanda. — A Holanda em 1919 tinha 256 milhões de libras em ouro, sendo a circulação fiduciária 420 milhões. Em 1914, as reservas metálicas em ouro atingiam a soma de 66 milhões de libras esterlinas e a moeda fiduciária 126 milhões de libras, ou sejam 52 0/0 de garantia em ouro, ao passo que em 1919 a garantia era de 61 0/0 em ouro.

O Instituto Ibero-Americano. — Em Hamburgo, foi organizado em 1913 um Instituto que tem por fim realizar trabalhos de investigação na comunidade de cultura formada pelos povos que habitam a Península Ibérica e a América latina. Esse trabalho não se dirige unicamente a fins científicos, mas também a estreitar os laços entre a Alemanha e os povos ibero-americanos.

O Instituto esteve funcionando mesmo durante a guerra, e tem já armazenados muitos materiais de estudo. Conta com 40 colaboradores, divididos em 8 secções, correspondentes a ouros tantos países, dos mais importantes do grupo Ibero-americano. A' frente de cada uma destas secções está um colaborador especial, consagrado à vida do respectivo país. O Instituto, apesar da sua curta existência, edita seis publicações, a saber: «Mitteilungen der Ibero-amerikanischen Gesellschaft» publicação mensal sobre questões político-económicas das Repúblicas da América Central e Sul, Espanha e Portugal; «La cultura latino-americana», publicação consagrada ao estudo da cultura da América latina, com copiosa bibliografia das publicações literárias e científicas desses países; «Bibliothek der Cultura latino-Americana», de que estão publicados 3 volumes; «Revista Médica de Hamburgo», redigida em espanhol que tem por fim dar a conhecer aos povos ibero-americanos os progressos da sciencia médica alemã; «Spanien», importante revista mensal, destinada exclusivamente ao estudo da vida espanhola em todas as suas manifestações; «Auslandweiser» ou Guias dos países estrangeiros. Entre as publicações que o Instituto tem em vista, num futuro próximo, mencionarei o «Jahrbuch über Spanien» ou Anuário Espanhol. Por outro lado, o Instituto Ibero-americano acaricia a idea de fundar em Madrid e Barcelona um «Instituto Alemão» que debaixo da protecção oficial do Governo, venha a ser o centro do trabalho scientifico alemão a respeito de Espanha e ao mesmo tempo subministre aos espanhóis que assim o queiram a cultura alemã nos diversos ramos do saber humano.

J. M. DA CUNHA.